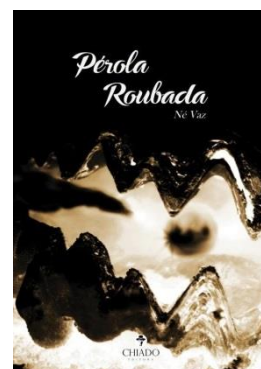


INFÂNCIA FURTADA E VIOLÊNCIA SEXUAL NA GUINÉ-BISSAU: PÉROLA ROUBADA¹

Ineildes Calheiro²

Eduardo David Oliveira³

Pérola Roubada é um Romance de 283 páginas e 49 curtos capítulos, que se passa em Lisboa/Portugal, escrito em forma de diário, em que a personagem Natasha documentou a sua vida. Trata-se de uma mulher quase destruída, ou, melhor dizendo, uma vida quase destruída de uma mulher, pela violência sexual, causada pela pedofilia.



O que se chama “Pérola” refere-se à riqueza que é a infância, e a palavra “roubada” refere-se à destruição da infância, interrompida aos seis anos de idade pela violência doméstica de gênero. E nesse caso particular, o abuso sexual ocorrido pelo companheiro da sua tia, ao ser entregue aos cuidados destes familiares enquanto os pais trabalhavam.

O romance trata de denúncia de violência sexual na família, com a trágica pedofilia, o que não acontece exclusivamente com sujeitos de classes sociais empobrecidas e com baixa escolarização, ocorre em todos os níveis de classe. Soluções possíveis, como trata o texto, é discutir sobre o assunto em diversas

¹ Né Vaz – Vanessa Margarida Buté Vaz. Africana Bissau-Guineense, nascida em Lisboa/Portugal, em 1992. Jovem estudante de Ciência Política e Relações Internacionais, na Universidade Lusófona da Guiné-Bissau/África, licenciada em Jornalismo e Comunicação pela Middlesex University de Londres, Grã-Bretanha. É a autora da Obra “Pérola Roubada”, publicada em 2018, na Chiado Editora Brasil. É a escrita de seu primeiro romance.

² Doutoranda no Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada em Educação Física (UNIME). Membro do Grupo de pesquisa REDE de AFRICANIDADES/UFBA. Pesquisadora em gênero e raça no esporte, na perspectiva interseccional. Bolsista Financiada pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³ Pós-doutorando, antropólogo e Doutor em Filosofia. Professor Adjunto da FAGED – UFBA (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia) e do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA). Professor de Filosofia e Estudos Afro-brasileiro e africano. Pesquisador de relações raciais, cultura africana e filosofia Andina e Coordenador do Grupo de Pesquisa Rede de Africanidades/UFBA.

instituições, como a escola, dar ferramentas para pessoas em situação de violência sexual ou correndo riscos, bem como alertar aos pais sobre como notar situações de abuso contra os filhos.


As consequências a atingem de todas as formas: psicologicamente, afetivamente, socialmente, e ela mergulha na desesperança, na prostituição, no abuso de bebidas e drogas. A vítima, narradora e personagem protagonista do romance torna-se prostituta, adere a bebidas e drogas, chegando ao tráfico. Mas, conforme acredita, visto no poema que conclui o texto, o tempo coloca tudo no devido lugar. Como o tempo se encarrega de organizar aquilo que as mãos não alcançam, o Estado não repara, as leis não corrigem e as consciências não ressignificam, com o tempo, o que parecia ser o fim transforma-se em recomeço.

O amor é o elemento utilizado como saída para mudanças, novas formas de vida, que Natasha encontra na figura do sexo masculino Rogério. Nesse sentido, no romance se reconhece a superioridade masculina, uma maneira possível de transformação da vida em destruição, da vítima-menina-mulher. A mudança se dá subitamente com a simples presença de um homem diferente, o homem certo, um amor de verdade, capaz de apagar as amarguras da vida de uma mulher, apesar de ser causada igualmente pelo sujeito do sexo masculino. Essa figura ambígua que é o sexo masculino do romance: o homem destrói, o homem reconstrói – O redentor.

Único a quem confiou contar-lhe o terrível acontecimento, embora que, não sem dificuldades de narrar o relato: Rogério, o homem compreensivo, amigo, sábio em sua meia idade, lhe sugere a denúncia através da publicação do livro como uma forma possível. Assim sendo, na história narrada, o mesmo faz o epílogo da obra que decide publicar. A legitimidade da escrita e do método que me pareceu evidente, o “corpo-experiência”, notório nesta literatura, fica por conta do homem, apesar da desconstrução racial-hegemônica quando se trata de um homem negro de classe alta, já que, ao juntarem os corpos em um único teto, Natasha vive sob luxúria.

A obra sob a multiplicidade do olhar

Considerando a magnífica obra em seu caráter de denúncia de violência doméstica ocorrendo em todos os lugares, seja oriente, seja ocidente, e a forma brilhante de escrita, entretanto é nítido o mergulho que a autora dá na relação de gênero voltada para a superioridade masculina. A mesma apresenta em algumas passagens o desdém pelas mulheres: a única amiga que aparece no texto ela compara



com a vaca, logo rompendo a amizade, com exceção da infância, quando enfatiza sua brilhante amizade com a prima e a colega da escola, o que dá ideia de ênfase à inocência infantil, mas que, quando adulta, não se pode confiar nas mulheres. Conquanto, essa questão pareceu-me relacionada ao fracasso da linda amizade com sua mãe, na infância, a mesma considerada traidora nesta questão, ao não prestar atenção à violência que sexual que sofria. A sua amizade também era formidável com o pai, no entanto, não rompe com os homens: desfruta de namoro, amizade, sexo.

A questão de gênero é ambígua, por hora, surge progresso nas mulheres, por hora, inferioridade, prevalecendo os mitos negativos em relação ao sexo. Há pouca ênfase nas questões raciais, uma vez que a personagem é negra, e sendo o fator que merece maior valor discursivo pelo fato da desigualdade racial influenciar na violência doméstica, apesar de ocorrer em todas as classes, mas, a vulnerabilidade das meninas negras é muito maior. Essa questão ficou por conta da responsabilidade, do olhar e experiência das/os leitoras/es. Todavia, a forma de escrita é enriquecedora. A narrativa se dá por meio de personagens, ao caracterizar corpo, estética, território, sexo, se destaca cultura, política, família, economia, subjetividade, religião. A autora inicia descrevendo sobre Guiné-Bissau: cultura, tradição, valores, crenças, situação econômica e política, através de personagens.

Natasha: Protagonista, personagem narradora. Violentada sexualmente pelo tio aos seis anos de idade; negra, nasceu em 16 de julho de 1985, em Lisboa/Portugal. Primeira das duas filhas do casal Guineense, que parte para estudar em Lisboa, por meio de bolsas de estudos e tornam-se residentes, pela precariedade de seu país, independente, mas não livre. O Pai era Engenheiro Marítimo e a mãe formou-se em Gestão Bancária. De base familiar bem-sucedida, classe média, como atesta ao descrever sua vida na infância: a moradia, o lugar e tipo de apartamento, e depois a mansão. Ainda na infância muda de classe social, afetada pela crise em Portugal. Sobre sua vida adulta a descreve como um autêntico tsunami, perdida e sem futuro, contrariamente aos seus sonhos de infância, que eram, ao tornar-se mulher, ser casada, independente, empresária. Sonhos interrompidos pela violência sexual.

Com a personagem Ivone, sua única irmã caçula, licenciada em economia, reforça a ideia do progresso de gênero. Além disso, o seu nascimento influenciou no distanciamento e abandono dos pais para com a primogênita, resultando na violência. Shayene a amiga da escola, na infância, aparece como uma nativa de Portugal para retratar as diferenças culturais, crenças e valores; com a tia Xanda assinala os penteados, a cultura estética de Guiné-Bissau; a tia Felismina é inserida para retratar

a opressão da mulher em Guiné e Tia Augusta, prima de sua mãe, é cabeleireira, com salão próprio em casa, quem “supostamente” cuidava de Natasha e sua irmã enquanto os pais trabalhavam; Tio Baltazar é o pedófilo, esturador, companheiro da tia (última citada).

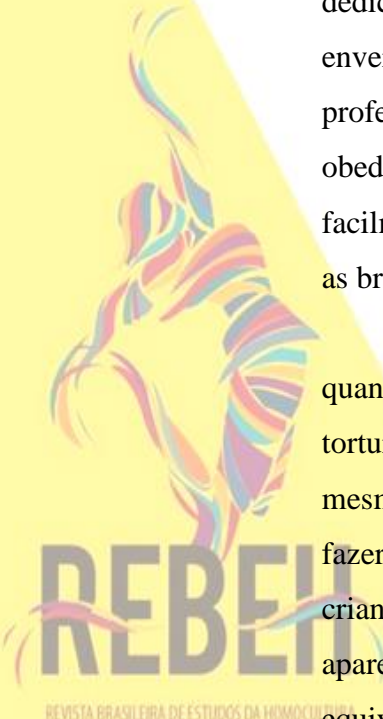
A prima Fatu, quem a recebeu em Guiné-Bissau é bem-sucedida (não se sabe como), mas trazida ao contexto para apontar avanços de gênero na Guiné-Bissau, e, ao mesmo tempo o lado desenvolvido do país. Através desta personagem Natasha conhece a realidade de Guiné e Rogério, o símbolo do amor. Através de quem ocorrem as mudanças felizes na vida da protagonista. O homem redentor.

Política, economia, subjetividade, cultura e identidade: entre Bissau e Lisboa

Destacados conceitos enfatizam os anos 1980, demarcando o período pós-independência de Guiné-Bissau e crise de Portugal. Enquanto a Guiné encontra-se em estado depreciativo e lugar de conflitos, Portugal se torna um lugar de imigração, de esperança e expectativa para os africanos deste território, sobretudo pela curta distância. Informa que muitos parentes seus viviam em Lisboa, indica-a no contexto de ascensão para os povos guineenses, porém, a situação econômica de Lisboa muda: chega à prolongada crise iniciada ainda na sua infância, gerando mudança de classe econômica da família da protagonista e se estende afetando a sua fase adulta quando a narradora vive em contexto de baixa condição social. Apesar de morar em um prédio, no Centro de Lisboa, apresenta a probabilidade de não poder se manter neste lugar, descrevendo a contenção de despesa pessoal.

A Cultura guineense é revelada durante vários contextos do romance: apresentada no corpo com a criatividade-estética-cabelo, com penteados tradicionais da Guiné, todos feitos em seu próprio cabelo, e ficando a cargo da sua tia Xanda com muita prática e fazendo-os em muitas clientes, de diferentes tipos de cabelos. De um lado, essa passagem nos leva a refletir sobre a disseminação da estética negra-africana em Portugal com os imigrantes africanos, sem descartar a diáspora, no contexto da escravidão e colonização; de outro, para a sobrevivência, ao fazer da cultura um meio de vida socioeconômica.

A subjetividade é um conceito importante que aparece através de fatos e descrições, o que pode ter relação com a preferência da vítima pelo pedófilo, visto quando descreve suas características e personalidades na infância: simples, humilde, tímida, calma, serena, terna, sorridente, de poucas palavras, e de valores afetivos



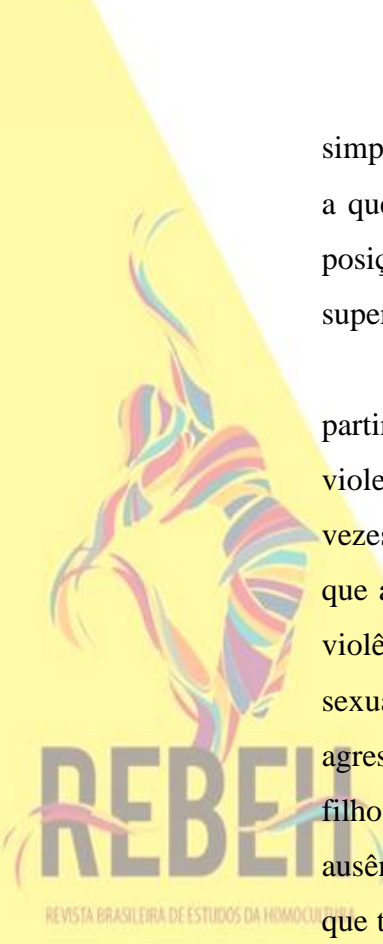
como generosidade e partilha, gostava de brincar, era de bom desempenho e dedicação, e já aos 4 anos de idade era disciplinada. Uma criança tímida, medrosa, envergonhada, obediente, e que fala pouco deve ser ainda mais observada pelos pais, professores, e demais instituições. O que parece ser mais grave é a noção de obediência, que acaba afetando mais as meninas do que os meninos que tendem mais facilmente a desobedecer às normas, pelo próprio contexto de gênero: os brinquedos, as brincadeiras, comportamentos aceitos etc.

A identidade negra é autonegada pela narradora, inicialmente (capítulo 3) quando fala do seu cabelo crespo, o pentear, arrumar o cabelo, trançar, relacionando à tortura, a dor, e em outro momento reaparece com a inquietação com o ser ela mesma, expressa em: “Posso ser a Anita mãe?” apresentada na tenra infância. Ao fazer um resumo dessa protagonista a descreve como personagem de um livro, uma criança muito querida e admirada, meiga, bondosa e bonita. A raça/cor de Anita não aparece, mas subentende-se pelas características dadas, conhecidas como aquelas equivocadamente destinadas às pessoas brancas: autovalorização, admiração e beleza.

O gênero, sem enfatizar o termo, este romance se estrutura em termos de gênero, onde destaco alguns pontos evidentes. O primeiro é a opressão e submissão da mulher na Guiné-Bissau, destacada com a chegada da Tia Felismina [Capítulo 4]. Ao falar de duas tias e irmãs, “ambas foram mães muito cedo e por isso criaram seus filhos na mesma casa, a casa da mãe delas, pois nenhuma das duas era casada na altura.”, história sumariamente contada, em que aparece o conceito de mãe solteira na Guiné-Bissau; outro ponto é a gravidez/reprodução relacionada à uma questão negativa, por esse motivo deu-se a exclusão da sua mãe do trabalho fora de casa, onde se vê a naturalização do destino da mulher: o cuidado da casa e dos filhos.

Masculinidade, feminilidade e comportamentos sexuais nos brinquedos [capítulo 7], são temáticas que surge com as brincadeiras das meninas e meninos, visto ao relatar as características de seus primos, o menino é rebelde, hiperativo, comandava as brincadeiras; à menina empegava-se o termo Maria-rapaz, porque ela não tinha muitas bonecas, jogava escondido e tinha pistola de água. Sendo o corpo e o sexo outro ponto: na infância exposta em nudez, imposta pelo tio, sentada numa cadeira, enquanto o artista se inspirava.

Adulta, quando prostituta, o corpo reaparece com o sexo como economia. A prostituição, nesse caso, não trata de escolhas, mas consequência de violência sexual, que levou a narradora a encarar o sexo como negócio e o corpo como comércio. Sendo a prostituição relatada como falta de opção, impossibilidade de desejo. O



simples relato da posição sexual entre mulher e homem no ato sexual descrito revela a questão de poder na relação de gênero, em que aparecem os papéis sexuados na posição da prática sexual – o macho sobre a mulher como demonstração de superioridade e possível comando.

A violência doméstica de gênero e o abuso sexual foram temáticas descritas a partir da história de Creuza que conhece em viagem realizada na Guiné-Bissau, violentada pelo padrasto constantemente quando criança, engravidando por duas vezes, Natasha rememora com maior frequência o seu passado-presente, e percebe que a violência sexual se dá em todos os lugares e classes sociais. Rememorando a violência por ela sofrida, começa a contar [iniciando no capítulo 33]. Abusada sexualmente pelo tio Baltazar: Artista, pintor de Quadros. O descreve como violento, agressivo, comparado a um ditador; a agressividade do tio é recorrente para com os filhos e a companheira. O abuso sexual acontecia corriqueiramente e independente da ausência de sua tia. O medo de contar foi do que o agressor se apoderou, pois sabia que tinha conseguido causar-lhe medo. Por todos era respeitado e idolatrado. Isso fez com que a garota não acreditasse que teria sucesso se contasse a alguém.

Os estupros ela chamou de “ida ao inferno”. Ao lembrar que quase a tia flagrou a violência, quando entrou na casa de banho e a viu de joelhos no chão, pois tinha acabado de ser violentada, nota-se que a tia percebeu algo estranho quando reclamou com Natasha, dizendo para não entrar no banheiro quando tiver um adulto. Ficou nítido de que a mesma notou estranheza, mas optou pela reação de ignorar. Pelo fato da tia não lhe interrogar sobre suspeitas de abuso, subentende-se que a mesma sabia.

Também ingressa inocentemente no mundo do tráfico de drogas, em busca de dinheiro, evidenciando dois lados do mundo das drogas (capítulo 31): A personagem via nas drogas uma forma momentânea de esquecer a violência sofrida, deliciando-se, e nesse processo, aceita o convite para o tráfico que afirma ser irrecusável: forma rápida de sair da pobreza, ganhar dinheiro fácil. Por este meio adquire dinheiro e conhece a Guiné Bissau, conhecendo o salvador: Rogério. O amor chega e também a esperança, força, energia, transformações, felicidade. A partir deste homem Natasha rompe com o arriscado, perigoso e doloroso trabalho de prostituição.

Em Guiné-Bissau, vê outra realidade do país que fantasiava (capítulo 32). A narradora imaginava um lugar inóspito, pobre, destruído, contudo, vivencia duas Guinés: uma, bem desenvolvida, como aponta a vida de sua prima “Fatu”, numa Guiné exótica; país rico em artesanato e cultura, com a minoria vivendo com

dignidade econômica. Todavia, depara-se também, e mais fortemente, com outra Guiné, precária e de maioria em situação de subdesenvolvimento. [Capítulo 37]. Apesar das desigualdades sociais as pessoas vivem alegres e compartilham umas com as outras. Encerrando o texto com um poema que diz que o tempo se encarrega de organizar tudo na vida. “[...] tem que se dar tempo ao tempo para que as coisas aconteçam a seu tempo [...]”.

Referências

VAZ, Né. **Pérola Roubada**: Chiado Editora, Brasil, 2018.

Recebido em: 08/06/2018

Aprovado em: 14/06/2018